COMO A IMPRENSA AMERICANA DISTORCEU A IMAGEM DO CHILE

MARIA TERESA MORAES

TEMAS
NOSSO TEMPO

COMO A IMPRENSA AMERICANA DISTORCEU A IMAGEM DO CHILE

14
TEMAS

NOSSO
TEMPO

TEMAS — NOSSO TEMPO

1. CENTRALISMO DEMOCRATICO
   Rosa Luxemburgo — Lenine e outros
2. OS PANTERAS NEGRAS
   Eldridge Cleaver, Bobby Seale e outros
3. ELEMENTOS DE TEORIA ECONÓMICA
4. SOCIALISMO NO CHILE
   Salvador Allende - Vuskovic - Rossana Rossanda
5. O DILEMA CHILENO
   Teitelbaun S. Allende - M. Henriquez
6. PERÚ — CAMPONESES E GENERAIS
   Acosta - C. Delgado, e outros
7. CHINA — REVOLUÇAO NO ENSINO — Diversos
8. COOPERATIVISMO E SOCIALISMO
   K. Marx - Lenine - Mao Tsé Tung - Préobrajensky - Rosa Luxemburgo
9. A IRLANDA COLONIZADA — Diversos
10. ARGENTINA — COMPREENDER O PERONISMO
11. CARTAS DA CHINA — Ana Louise Strong
12. O DRAMA CHILENO — Diversos
13. IDEALISMO E MATERIALISMO NA CONCEPÇAO DA HISTORIA
    Jean Jauré e Paul Lafargue
14. COMO A IMPRENSA AMERICANA DISTORCEU A IMAGEM DO CHILE
    Maria Teresa Moraes

CENTELHA — Promoção do Livro, SARL
Apartado 241 — Coimbra — Telef. 26793

MARIA TERESA MORAES

COMO A IMPRENSA AMERICANA DISTORCEU A IMAGEM DO CHILE

centelha

Coimbra
1975

FICHA

TITULO: Como a Imprensa Americana Distorceu a Imagem do Chile

AUTOR: Maria Teresa Morais

EDITORA: Centelha, promoção do livro, SARL
Apartado 241 — Coimbra

COMO A IMPRENSA AMERICANA DISTORCEU A IMAGEM DO CHILE

Maria Teresa Moraes

I — *Liberdade de imprensa e propriedade dos meios de comunicação social*

Quando, em qualquer parte do mundo, lemos um jornal ou uma revista, escutamos um programa de rádio, ou vemos a televisão, as informações que recebemos não são apenas uma lista de factos objectivos. Essas informações não estão isentas de um conteúdo ideológico determinado, como se fosse possível uma imparcialidade absoluta. Ao contrário, as informações trazem em si mesmas, de uma maneira ou de outra, um conteúdo ideológico determinado, isto é, as ideias, tendências políticas e condicionamentos sociais e culturais das pessoas que preparam

essas informações e das que controlam o meio de comunicação através do qual são produzidas. As informações que chegam até nós, público, vão portanto reflectir o sistema político, económico, social e o tipo de cultura que existe em cada lugar.

Isso acontece porque os meios de comunicação social ou de comunicação de massa — jornais, revistas, estações de rádio ou de televisão, filmes etc. — não existem num vazio, num vácuo. Fazem parte de uma determinada sociedade e a maneira como são estruturados, como existem, o que produzem, quem os controla, está determinada pelo tipo de sociedade onde existem.

O processo da produção de notícias, de artigos, programas de rádio ou de televisão, pode ser comparado ao processo de produção de uma fábrica. A maneira como uma fábrica funciona, o tipo de produtos que produz, são determinados por quem exerce o contrôlo sobre ela, se os capitalistas, patrões, gerentes, ou se os operários, os trabalhadores. Isso por sua vez é determinado pelo tipo de sistema sócio-económico do país onde está a fábrica: se capitalismo ou socialismo. Por exemplo, uma fábrica de sapatos de luxo, de alto custo, que só podem ser comprados por uns poucos, funciona dessa maneira num país de regime capitalista porque esse é o tipo de sapato que dá mais lucro aos donos. Num país socialista, ou a caminho do socialismo, quando essa fábrica já é dirigida pelos seus próprios trabalhadores e trabalhadoras, estes podem resolver mudar o

tipo de produção e passar a fabricar sapatos igualmente bem feitos e de bom gosto, mas cujo custo de produção seja mais barato para que possam ser fabricados em maior quantidade e a preços mais baixos, e dessa maneira serem usados por um maior número de pessoas que precisam de sapatos. Produzir informação e distribuí-la é um processo de produção como qualquer outro. Para isso, torna-se necessário a organização em uma empresa, tal como acontece com uma fábrica. Dependendo do sistema social em que estejam os meios de comunicação, tal como acontce com a fábrica, serão controlados pelos patrões ou pelos trabalhadores. Esse grupo de trabalhadores, que se tem chamado trabalhadores da informação, inclui todos os assalariados que participam do processo de produção de um meio de comunicação social. Essa equipa, no caso de órgão de imprensa escrita, deve incluir tanto jornalistas, fotógrafos, editores, redactores, como todos os operários gráficos e técnicos, linotipistas, gravadores, corrigidores de prova, etc. No caso de rádio ou televisão, deve incluir tanto jornalistas, locutores, directores de programas, como técnicos em som, camarógrafos, electricistas etc., enfim todos aqueles que empregam sua mão de obra para a produção de jornais, revistas, programas de rádio e de televisão. Naturalmente que o tipo de produto final, sejam artigos, reportagens, editoriais, notícias ou programas culturais, terão características diferentes em cada caso: meio de comunicação social controlado por patrões ou do-

nos de empresa ou controlado por seus trabalhadores e trabalhadoras.

Se aceitarmos essas premissas básicas para a análise do funcionamento e papel que desempenham os meios de comunicação social, uma das primeiras consequências é colocar em questão conceitos isolados e absolutos de objectividade e liberdade de imprensa, tal como nos foram ensinados pelo capitalismo liberal europeu e norte-americano. Esses conceitos ou ideias nos foram apresentados através dos séculos como se fosse possível existir uma objectividade e uma liberdade de imprensa desligados dos interesses da classe social e económica que exerça o contrôlo sobre os meios de comunicação social. Liberdade e objectividade de informação como conceitos absolutos, sem levar em conta as forças sociais em jogo, são dos mais importantes mitos criados pela burguesia internacional e utilizados apenas em seu próprio benefício. O que pode significar objectividade e liberdade de imprensa numa sociedade capitalista para os donos dos meios de produção — no caso de meio de comunicação social, para os donos de uma empresa jornalística, de uma estação de rádio ou de televisão — pode não ser considerado como objectivo, livre e verdadeiro pelos próprios trabalhadores dessa empresa e por milhares de outras pessoas nessa sociedade.

Se estivermos de acordo que os meios de comunicação de massa não existem num vácuo social, estaremos de acordo que o que produzem, e o con-

teúdo ideológico desse produto, não serão obras do acaso, e portanto reflectirão também os interesses da classe social e económica que os controla.

Nessas circunstâncias a tão usada bandeira da objectividade e liberdade de imprensa que é apresentada pela burguesia como uma só, única e exclusiva, passa a ser questionada na medida em que as pessoas se perguntam liberdade para quem dizer o quê.

Esses problemas ficam bastante claros quando analisamos o que acontece nos meios de comunicação de países capitalistas desenvolvidos. Sob uma aparência de objectividade e de liberdade de informação, verificamos que na verdade a informação é seleccionada e muitas vezes distorcida em função dos interesses económicos e sociais dos grupos que controlam os meios de comunicação social nesses países. Isso se verifica não apenas a nível de informação interna, isto é, sobre problemas nacionais desses países, mas também na informação sobre política internacional, sobre o que acontece em outros países. Na imprensa de países capitalistas desenvolvidos, o momento mais propício para distorções e selectividade de informação no noticiário internacional é quando um país mais pobre, de economia dependente entra num processo interno de mudanças estruturais em sua economia e organização social visando liberar-se da dependência económica internacional e procurando construir internamente uma sociedade de tipo socialista. Dessa maneira passa a significar uma ameaça para os interesses económicos de outros paí-

ses capitalistas desenvolvidos que através de diversos mecanismos se beneficiam da economia dos países mais pobres e dependentes. Nesse momento é fácil entender-se como os conceitos de liberdade e objectividade de imprensa passam a ser relativos e não verdades únicas e absolutas porque são delineados pelos interesses sociais e económicos que influenciam os meios de comunicação nos países capitalistas.

ses capitalistas desenvolvidos que através de diversos mecanismos se beneficiam da economia dos países mais pobres e dependentes. Nesse momento é fácil entender-se como os conceitos de liberdade e objectividade de imprensa passam a ser relativos e não verdades únicas e absolutas porque são delineados pelos interesses sociais e económicos que influenciam os meios de comunicação nos países capitalistas.

II — *A manipulação ideológica da imprensa americana sobre o Chile.*

O estudo que se segue é sobre o comportamento da imprensa de um poderoso país capitalista — Estados Unidos — descrevendo a realidade de um país de economia dependente, um país do Terceiro Mundo — Chile — num período muito especial de sua história, quando um governo popular tenta mudar as estruturas económicas e sociais injustas que não beneficiavam a maioria do povo chileno. O governo da Unidade Popular (U. P.), formado por uma coalisão de vários partidos progressistas, estava tentando cortar a dependência económica e política do imperialismo internacional, no caso representado pelos Estados Unidos. Analisaremos o noticiário sobre o Chile publicado em quatro importantes jornais norte-americanos: New York Times, Washington Post, Wall Street Journal e Christian Science Monitor. As informações analisadas são especialmente editoriais

e artigos assinados pelos correspondentes desses jornais, redactores e comentaristas políticos, porque esse tipo de matéria, mais analítico e interpretativo do que notícias esparças das agências, é o que mais influencia o leitor a formar uma ideia, uma imagem sobre determinado assunto. O período analisado inclui os últimos meses do governo do Presidente Salvador Allende, e os primeiros meses depois do violento golpe de 11 de Setembro de 1973 que derrubou o governo da U. P. e instaurou um regime fascista que já causou milhares de mortes.

No noticiário da imprensa norte-americana sobre o Chile deve-se observar quais foram os critérios escolhidos para a selecção de informação. O New York Times, um dos jornais de maior prestígio nos Estados Unidos publica todos os dias no alto de sua primeira página, ao lado do nome do jornal, uma frase que define sua política editorial: «todas as notícias que se deve publicar» («all the news that's fit to print»).

O problema é saber, todas as notícias que devem ser publicadas, de acordo com que critérios? A resposta liberal clássica é naturalmente, de acordo com os critérios de objectividade, liberdade de informação, importância, etc.

O exame da informação sobre o Chile na imprensa americana mostra que os critérios usados para a selecção dessa informação são determinados por uma série de condicionamentos ou de decisões políticas e ideológicas que levaram à construção de

uma imagem distorcida do processo chileno. Esses critérios de selecção da informação e o tipo de imagem do Chile apresentada ao público americano foi determinada pelos interesses do capital e da política dos Estados Unidos na América Latina.

Esse tema é de actualidade hoje em Portugal porque aqui se dá uma situação semelhante. Trata-se também de um país até então de economia dependente e estagnada que desde o 25 de Abril de 1974 entrou num processo de mudanças estruturais para a construção de uma sociedade socialista. Essa situação não é do agrado dos grandes grupos económicos estrangeiros que aqui operavam livremente protegidos pelo regime fascista. Também no caso de Portugal já se pode observar grandes distorções na imprensa internacional. Trataremos de mostrar como funcionaram os mecanismos de distorção e selecção de informação da imprensa americana sobre o Chile porque esses mecanismos se repetem historicamente quando se trata de manipular a informação para apresentar ao público uma imagem mais conveniente aos interesses de dominação imperialista de países do Terceiro Mundo que resolveram tomar seu destino em suas próprias mãos. Naturalmente que em cada caso as motivações variam e os mecanismos de manipulação da informação apresentam características próprias.

A interpretação oferecida ao público por uma grande parte da imprensa americana no caso chileno era que a experiência de transição ao socialismo

tentada pelo governo Allende não poderia nunca ser bem sucedida. Com isso pouco a pouco foi preparando a opinião pública para mais facilmente aceitar um golpe como inevitável, necessário e única alternativa para a situação no Chile: o menor de dois males. Com isso procurava-se oferecer ao público toda uma série de racionalizações e justificativas para um golpe fascista.

III — *Temas seleccionados e mecanismos utilizados pela imprensa americana para a construção de uma imagem distorcida do Chile*

A imprensa americana ao criar e apresentar ao público uma imagem particular do processo chileno, concentrou-se na criação de certos temas principais que se repetiam em editoriais e artigos, antes e depois do golpe. Essas interpertações sobre a situação chilena, a que chamaremos temas, são apresentados através de diversos mecanismos. Um dos principais é a cuidadosa selecção de informação feita através de critérios políticos e ideológicos. Essa selecção pode ser feita de forma consciente e intencional ou mesmo de maneira inconsciente, através dos mecanismos de condicionamento cultural e político e de um certo grau de auto-censura a que jornalistas e editores estão sujeitos quando funcionam dentro de determinado sistema. Essa selectividade de informação significa escolher para noticiar e comentar ape-

nas alguns factos e não outros da realidade chilena. Com isso apenas se pode distorcer bastante uma realidade. Outro mecanismo também muito utilizado e que complementa o primeiro é o uso de informação correcta colocada num contexto falso ou incompleto, o que termina por deturpar e mudar o sentido da primeira informação que inicialmente era correcta. Um terceiro mecanismo utilizado foi também informação falsa no sentido em que não correspondia à realidade factual da situação no Chile.

Os principais temas apresentados pela imprensa americana sobre o Chile foram também construídos através da selectividade de palavras, tais como adjectivos usados para qualificar certos personagens e omitidos em relação a outros.

Ao examinarmos os seguintes temas, veremos como foram utilizados esses mecanismos de selecção de informação e de linguagem.

— *Situação económica apresentada como caótica*

Esse tema que foi desenvolvido pela imprensa americana durante todo o período do governo de Allende foi também apresentado depois do golpe como uma de suas grandes causas. Na construção desse tema interpretativo da situação chilena, são usados os mecanismos de utilização de informação correcta fora do contexto, isto é, sem colocar certos factos em perspectiva, sem explicar antecedentes e causas ou outros acontecimentos indispensáveis para a com-

preensão completa da informação dada.

Ao apresentar de uma forma alarmista o tema do caos económico e crise política, a imprensa americana se aproveita dos obstáculos e dificuldades concretas que o Governo da Unidade Popular encontrou quando tratava de efectuar um processo de profundas mudanças na estrutura económica e social do país, por meios pacíficos e dentro da estrutura legal vigente no Chile, dentro da sua condição de governo que chegou ao poder por via eleitoral.

Quando por exemplo a imprensa americana noticia repetidamente e com destaque um facto verdadeiro como a falta de certas mercadorias, certo tipo de alimentos, de peças de máquinas para a indústria e para os carros, está dando uma informação correcta mas está omitindo o contexto em que esta situação se dá. É por exemplo omitida a informação de que a escassez de certos alimentos deve-se a uma campanha de boicote e sabotagem da reacção através da criação artificial de um mercado negro, e do boicote à circulação de alimentos e outros artigos de consumo que na realidade existiam no mercado. Essas acções de boicote à economia efectuadas pela direita são facilmente realizadas porque a burguesia ainda controlava a maior parte dos sistemas de distribuição de mercadorias e de alimentos no país apesar que os trabalhadores já começavam a controlar a produção. A imprensa americana também omitiu por exemplo o facto de que a falta de peças de substituição para máquinas nas fábricas

se devia em grande parte ao bloqueio económico ao governo de Allende organizado a nível internacional pelos Estados Unidos, congelando créditos de organismos e bancos internacionais. Isso impedia que o governo chileno comprasse as necessárias peças de substituição para uma maquinaria baseada na tecnologia americana, uma consequência natural da dependência económica e tecnológica. A imprensa americana atribuía todos os problemas na produção industrial à intervenção estatal e à participação de operários na direcção de fábricas, às tomadas das fábricas pelos trabalhadores, mas nunca ao bloqueio económico, à falta de créditos e ao boicote na distribuição interna dos produtos.

A imprensa americana não deixou que os seus leitores esquecessem que o governo da Unidade Popular se encontrava em uma situação difícil mas em nenhum momento explicou o porquê dessas situações, como foram criadas, quem eram os responsáveis por elas.

Vejamos alguns exemplos:

«Nas últimas semanas o Chile tem caminhado claramente em direcção a uma explosão geral de tudo, desde a lei e a ordem até à economia. Alguns observadores vêem o crescente caos como um passo para a guerra civil. O mais importante é que essas condições precisam ser corrigidas. A economia está agonizante. A produção industrial, agrícola e das minas desceu a níveis tão baixos que o país está ameaçado por uma crise económica de proporções

sem precedentes.» (Christian Science Monitor, 14/8/73).

Nesse parágrafo de um editorial do Monitor pode-se ver exemplificada a situação de que falamos acima. Selectividade de informação e de palavras, factos reais colocados em contexto incorrecto, omissão de factos importantes para a compreensão global.

O New York Times também deu essa mesma interpretação:

«Apenas há alguns dias parecia que o Chile se afastava do abismo pelo menos com um esquema visível para um possível entendimento entre o governo de coalisão dominado pelos marxistas do Presidente Allende e as forças de oposição. Agora o país está outra vez navegando rumo ao caos com a necessária cautela e esforços necessários para evitar a guerra civil ainda não em evidência.»

(New York Times, 16/8/73, editorial)

Nesse parágrafo podemos também observar a selectividade no uso de adjectivos: o governo popular passa a ser «governo de coalisão dominado pelos marxistas do Presidente Allende», enquanto que a direita é simplesmente «as forças de oposição». Não é jamais qualificada como «direita», «fascista» ou mesmo «conservadora», mas referida simplesmente como oposição, como se fosse uma entidade neutra, sábia e equilibrada. Esse mesmo tema — caos económico e crise política — é também usado depois do golpe fascista de Setembro de 1973 para justificá-lo.

«Não foi tanto o socialismo que incomodava os

militares. O grande problema para eles foi a polarização política e o caos económico em que o Chile foi atirado como resultado do processo de transição ao socialismo. Existem provas de que alguns elementos da oposição estimularam o fracasso económico. Mas é preciso não confundir esse fracasso. A maior responsabilidade por isso deve-se ao governo do Dr. Allende e à sua incapacidade para provar que o socialismo poderia dar certo no Chile».

(Christian Science Monitor 14/11/1973)

— *Governo de Allende é apresentado como uma minoria marxista com uma oposição majoritária.*

Este tema foi construído de modo a reforçar a ideia da U. P. como um governo totalitário que ameaçava a democracia no Chile. Essa interpretação do processo chileno é uma constante na imprensa americana durante os três anos do governo da Unidade Popular e é também usada depois do golpe como uma de suas causas:

«A experiência do Dr. Allende fracassou porque seu governo de coalisão da Unidade Popular, dominada por Socialistas e Comunistas insistiu na tentativa de impor ao Chile um sistema socialista drástico ao qual ferozmente se opunha bem mais da metade da população. Ele (Allende) ganhou em 1970 com apenas 36,3% dos votos — apenas 39 000 votos mais que o total de votos do candidato conservador. Nas eleições parlamentares do princípio do ano,

a Unidade Popular ganhou com apenas 44%». (New York Times, 16/9/1973, editorial)

Como se pode observar o New York Times se esforçou por apresentar as vitórias eleitorais da Unidade Popular de uma maneira negativa qualificando sempre as percentagens com um «apenas» quando o elemento importante é que na realidade o governo de Allende aumentou sua percentagem de votos de 36% em Setembro de 1970 para 44% em Março de 1973. Apesar de todos os problemas internos na economia o apoio popular aumentou durante os três anos de governo em vez de diminuir. A imprensa americana também nunca explicou que esse tipo de «governo minoritário» em termos de percentagens eleitorais não podia ser considerado um facto excepcional no sistema político chileno, nem em outros países simplesmente por causa do sistema eleitoral pluripartidário.

Quase todos os presidentes chilenos antes de Allende também não obtiveram maioria absoluta nas eleições, isto é, mais de 50%. Como estava previsto na Constituição chilena, deveriam nesse caso ser confirmados através de uma votação no Congresso. Isso aconteceu com Allende e também com o presidente anterior Eduardo Frei, (1964-70) da democracia cristã, e nunca ocorreu à imprensa americana dizer que Frei presidia um governo minoritário e que portanto não podia impôr um programa à maioria dos chilenos.

Se a imprensa americana fosse aplicar também

a outros casos semelhantes os critérios usados para dizer que Allende era «um presidente minoritário», deveria ter dito o mesmo sobre Trudeau no Canadá, John Kennedy e Richard Nixon (em 1968) nos Estados Unidos, que também não obtiveram maioria absoluta. Essa situação não tem nada de excepcional numa eleição onde se apresentam três candidatos representando partidos importantes ou coalisões de partidos, como foi o caso da eleição presidencial chilena de Setembro de 1970.

Outro antecedente importante omitido pela imprensa americana na apresentação desse tema e na construção da imagm de Allende e do governo da Unidade Popular como forças ditatoriais e totalitárias foi o facto de que o programa de governo, popularmente conhecido como «as 40 medidas», não era muito diferente em seus pontos principais do programa apresentado pelo candidato democrata cristão Radomiro Tomic. Por exemplo, ambos programas incluiam a continuação da reforma agrária, que já havia sido começada durante o governo de Frei, e a nacionalização das riquezas básicas, como as minas de cobre.

No editorial do New York Times de 12/9/73, dia seguinte ao golpe, essa interpretação de «governo minoritário» continua sendo usada:

«Mesmo quando os perigos da polarização política eram extraordinariamente evidentes, ele (Allende) insistiu em forçar a aplicação de um programa socialista perigoso para o qual não tinha um man-

dato popular.» Nesse mesmo editorial o New York Times não explica que tanto o Congresso como os Tribunais eram controlados pela oposição ao governo popular, por representantes da oligarquia chilena e que constantemente boicotaram e bloquearam as propostas e acções do executivo, como por exemplo a tentativa de criação de um Ministério da Família. Tanto o Congresso como o poder judiciário usaram todo o tipo de tácticas visando impedir o governo de governar, como por exemplo processos políticos contra ministros de estado obrigando o presidente Allende a mudar de ministros todo o tempo.

Mesmo o Washington Post, jornal mais liberal e que deu cobertura um pouco mais correcta sobre os acontecimentos no Chile, também aderiu à teoria do «governo minoritário» como uma das causas para o golpe:

«É impossível não observar que os 30 anos de Allende na selvagem arena política não o prepararam o suficiente para exercer o poder. Ele ignorou as limitações de seu apoio minoritário e tentou governar como se tivesse maioria.» (Washington Post 13/9/73)

— A Burguesia e a Pequena Burguesia apresentadas como a maioria dos chilenos.

Esse tema ou interpretação do processo chileno apresentado pela imprensa americana complementa inteligentemente a distorção anterior sobre o governo

minoritário e sem apoio popular. A preocupação era mostrar ao público que a maioria da população se opunha ao governo da Unidade Popular. Como a oposição vinha claramente dos sectores mais ricos e privilegiados do país, trata-se de mostrar ao público americano que estes sectores formam a maioria da população esquecendo-se de mencionar a existência da classe trabalhadora, do povo, que em sua grande maioria apoiava o governo da U. P.

A oposição ao governo da U. P. distribuia-se principalmente em dois partidos políticos e uma organização de extrema direita. Os partidos são: Nacional (que representavam basicamente a grande burguesia e oligarquia chilena), Democrata-Cristão (que reunia sectores da burguesia e pequena burguesia, mas que tinha alguma penetração na classe trabalhadora, especialmente no campo), e a organização de extrema-direita, Pátria e Liberdade, que conseguiu atrair sectores jovens da burguesia e pequena burguesia. A maior parte da oposição ao governo de Allende que partia da classe média chilena, era canalizada através do partido democrata cristão e de organizações profissionais que se chamavam grémios e que congregavam médicos, dentistas, engenheiros, advogados, pequenos proprietários, etc. Esse tipo de organização por sectores profissionais de pequena burguesia jogou um papel importante nas acções da direita visando boicotar o governo da U. P., organizando e participando activamente em greves que

causaram sérios danos à economia do país. Por sua composição social, interesses de classe e posições políticas, os grémios diferiam radicalmente dos sindicatos, que no Chile historicamente são organizações combativas da classe trabalhadora, estruturados por fábricas ou por empresas e coordenados por um organismo central chamado CUT (Central Única de Trabalhadores).

Em vista disso, a imprensa americana dedica especial atenção à democracia cristã, que como principal partido da classe média passa a ser apontada como padrão de sabedoria e de virtudes da sociedade chilena, exemplo a ser seguido por todos. Esses sectores que se opunham ferozmente às medidas de mudança social e económica realizadas pelo governo da U. P., passaram a ser descritos como «mais da metade da população». (New York Times 16/9/73)

Essa informação é falsa mesmo em termos absolutos. Apesar que a classe média chilena é muito numerosa em comparação com a de outros países da América Latina, não ultrapassa os 30% da população total do país.

Outro aspecto incompleto e distorcido dessa interpretação apresentada pela imprensa americana é que a classe média é descrita como um sector social absolutamente unido e completamente em oposição ao governo da U. P. Isso também não corresponde à realidade. A classe média no Chile estava bastante dividida. Havia um número considerável

de profissionais, intelectuais, estudantes que apoiavam o governo e que defendiam posições progressistas a favor das mudanças sociais e económicas que o governo da U. P. estava empenhado em fazer. Durante as longas greves organizadas pelos grémios e partidos da direita, muitos médicos, professores, jornalistas, técnicos, empregados públicos e estudantes estiveram do lado do governo da U. P. e da classe trabalhadora. Depois do golpe de Setembro de 1973, muitos desses correligionários do governo popular e que provinham da classe média sofreram também a repressão desencadeada pelas forças fascistas.

A desunião política da classe média chilena se reflecte principalmente em duas grandes divisões da democracia cristã. A primeira divisão da D. C. deu origem ao MAPU (Movimento de Acção Popular Unitária), partido formado ainda antes da eleição de Allende e que participou da coalisão da U. P.. Mais tarde, já durante o governo de Allende, uma segunda divisão da D. C. deu origem ao movimento de Esquerda Cristã, que também se integrou na U. P.

Mas apesar de tudo isso a imprensa americana apresentava a classe média chilena unida e em completa oposição ao governo de Allende. A imagem de pureza e equilíbrio político criada para a democracia cristã, é também contraditória. Ao mesmo tempo em que é apresentada como o sector da sociedade mais respeituoso à democracia, às liberdades e à Constituição chilena, e por isso em feroz oposição ao «governo marxista», é também apresentado como o

grupo social que quer a todo o custo se ver livre do presidente que foi democraticamente eleito. Depois do golpe, a classe média representada por seu principal partido, a democracia cristã, é apresentada apoiando o golpe como o menor de dois males, mas esperando e desejando que o Chile volte rapidamente ao sistema democrático! Agora, depois de quase dois anos de repressão e caos económico real, seria interessante que a imprensa americana se preocupasse mais em dizer o que pensa a classe média chilena!

Vejamos alguns exemplos de como essas imagens foram criadas. O New York Times em seu editorial de 16/9/73, argumentando que apesar da polarização política o estado teimosamente continuava a intervir nas indústrias diz:

«Essas acções polarizaram o Chile mais que nunca provocando uma oposição generalizada, não apenas de sectores ricos e fascistas mas também da classe média que soma metade da população e que se viu à beira da destruição».

Em um editorial anterior de 31/8/73, o New York Times já dizia:

«A principal causa da perigosa polarização política no Chile e de seu reflexo até nos sectores militares foi a determinação da coalisão da Unidade Popular do Dr. Allende de impor no país um socialismo perigoso para o qual não tinham mandato dos eleitores.»

O Christian Science Monitor em seu editorial

de 10/7/73 aponta também um acordo com a Democracia Cristã como único caminho possível para a U. P.:

«Uma maneira mais cautelosa para governar possivelmente ajudaria. Dr. Allende poderia, por exemplo, procurar mais contactos com a oposição, especialmente com os democrata cristãos de esquerda moderada, e dessa maneira diluir um pouco a polarização política potencialmente explosiva que ajudou a explodir a recente tentativa de golpe». (refere-se ao Tancazo, tentativa de golpe militar de 29/6/73, semelhante ao 11 de Março português).

O New York Times também se esforçou por dissociar a imagem da sábia e equilibrada Democracia Cristã do resto dos elementos fascistas da extrema direita, apesar que nos meses que precederam ao golpe, todos os partidos políticos que se opunham ao governo Allende tinham-se organizado numa coalisão de direita chamada CODE (Confederação da Democracia) com plena participação da D. C.

Em seu editorial de 8/8/73 diz:

«Se o Presidente está disposto a acabar com as actividades ilegais da esquerda revolucionária, o maior partido do Chile (refere-se à D. C.) deve também estar disposto a ajudar a isolar e desarmar os elementos fascistas que também ameaçam o sistema democrático pela extrema-direita.»

Em um outro editorial, de 31/8/73, o New York Times publica declarações do ex-presidente democrata-cristão Eduardo Frei, como única receita para

a salvação da pátria.

«O homem de estado mais respeitado no Chile, o ex-presidente Eduardo Frei disse recentemente: 'Para que o Chile saia da presente crise é necessário uma mudança de governo, não de Presidente...' Sua opinião é bastante clara: Para que possa sobreviver pessoalmente e dissolver-se a crise actual, Dr. Allende precisa parar imediatamente com o seu programa socialista drástico e livrar-se de ministros que persistem em impor esse programa por meios que ultrapassam o Congresso. Em troca a essas medidas, o Dr. Frei deixou subentendido, os democrata-cristãos cooperariam com o Dr. Allende para fazer com que o país saia da beira da guerra civil. Não há nenhuma evidência por enquanto de que o Dr. Allende esteja interessado ou seja capaz de aceitar tais condições, mas a solução oferecida pelo Sr. Frei parece ser a melhor — e talvez a única — para a sobrevivência tanto do Presidente como do sistema democrático no Chile.»

O New York Times parecia estar transmitindo uma ameaça muito clara que depois se concretizou com o golpe de estado de Setembro de 1973 onde o Presidente Allende foi assassinado no próprio palácio governamental.

— Apresentação dos personagens políticos e quem são os culpados do golpe

A imprensa americana não conseguiu ou não

quis transmitir ao público a complexidade do processo político e social chileno. As situações foram muitas vezes descritas de uma maneira simplista e sem serem colocadas em um contexto adequado, em perspectiva histórica. O mesmo aconteceu em relação aos principais personagens políticos, principais protagonistas dos acontecimentos. Foram apresentados quase como personagens de uma peça de teatro ou de um filme de cow-boy divididos entre bons e maus, mocinhos e bandidos. Os dois grupos de personagens compreendiam: de um lado Allende, a coalisão governamental da Unidade Popular e a esquerda em geral, e de outro lado o General Pinochet, a Junta e a direita em geral.

As imagens para os dois grupos foram criadas através do uso selectivo de adjectivos, no caso dos personagens da esquerda, e da omissão desses adjectivos no caso dos da direita. Podemos observar o uso de pelo menos dois tipos de palavras chaves: umas calculadas para chocar o leitor, outras para fazer com que ele aceite normalmente determinada situação ou personagem política. O primeiro tipo de palavras é usado para descrever os personagens políticos da esquerda. Os adjectivos usados são geralmente alarmistas e facilmente associados a fortes sentimentos anti-comunistas que existem ainda hoje nos Estados Unidos como consequência da Guerra Fria. Esses adjectivos ou expressões alarmistas se destinam a fazer o público temer ou antipatizar com os personagens da esquerda.

Para descrever o segundo grupo de personagens políticos — os da direita — a imprensa usou a omissão de adjectivos, e também de antecedentes importantes que tornem possível a compreensão do papel desempenhado por esse grupo de personagens políticos. O objectivo é minimizar o impacto emocional sobre o público, ganhar simpatias e fazer com que os leitores se identifiquem com esses personagens.

Allende, por exemplo era invariavelmente qualificado de «marxista», para fazer dele uma figura antipática para o leitor. As descrições da imprensa americana tratavam de ridicularizá-lo, chamando-o de «acrobata» ou «doutorzinho gordo». Um mecanismo semelhante foi usado para os que o apoiavam. Gente da Unidade Popular era frequentemente descrita como esquerdistas perigosos, extremistas, terroristas, etc. A imprensa americana quase nunca se referiu ao governo da Unidade Popular simplesmente pelo seu nome, mas como por exemplo «a coalisão do presidente Allende dominada por marxistas» New York Times 18/8/73, editorial), ou como «o governo de orientação marxista do Chile» (Christian Science Monitor 10/7/73).

No seguinte parágrafo de um editorial do Christian Science Monitor de 30/8/73 pode-se observar as imagens criadas para descrever Allende e seu governo e também sentir-se a impaciência de sectores americanos porque o governo ainda estava de pé:

«Até quando poderá Salvador Allende Gossens, o Marxista que prometeu conduzir o Chile pela via

socialista, manter-se no poder? Até agora a sua habilidade para sobreviver tempestade após tempestade tem surpreendido a maioria dos observadores e confundido muitos que pensaram certamente que ele cairia depois de cada uma das crises sucessivas.»

E o Wall Street Journal em seu editorial de 25/9/73 foi ainda mais longe na manipulação da imagem dos personagens da esquerda, quando depois do golpe repetia a propaganda da Junta acusando os colaboradores do presidente chileno de roubos e desonestidades:

«Agora descobre-se que os auxiliares de Allende estavam vivendo nababescamente ao mesmo tempo que atacavam a 'oligarquia', definida de maneira genérica como qualquer pessoa que conseguia sobreviver à sua destrutiva política económica.»

É também interessante notar-se como o New York Times atribuiu tanto à direita como à esquerda a violência, sabotagem e acções terroristas que na realidade só foram praticadas por grupos de extrema direita, numa época em que esses factos eram tão numerosos que já não podiam ser ignorados pela imprensa.

«Além do mais, o grupo direitista Pátria e Liberdade e o Movimento de Esquerda Revolucionária dedicaram-se à violência e à sabotagem.» (New York Times 18/8/73)

Enquanto isso a imprensa americana quase nunca fez referências à classe trabalhadora, principal protagonista do processo chileno. Na medida em

que apoiava as medidas do presidente Allende e de seu governo popular, porque esse defendia seus interesses, a classe trabalhadora ficava também do lado dos «maus», constituindo-se em ameaça comunista à democracia no continente.

A maneira caricatural pela qual os personagens políticos foram apresentados facilita a interpretação de que a maior parte da responsabilidade pelo golpe cabe à U. P. e a Allende em particular. Esse tema é reforçado pela justificativa de que a esquerda estaria preparando um golpe para instaurar um estado marxista e totalitário e por isso os militares tiveram que intervir antes que isso acontecesse. Para a imprensa americana, todas as ameaças ao sistema democrático vinham da esquerda. A análise das causas do golpe apresentada pela imprensa americana, como que por acaso, coincide com a propaganda feita pela Junta para explicar o golpe.

Vejamos como o Christian Science Monitor apresentou esse argumento:

«A Junta agora no poder diz que tem provas de que o governo marxista do Dr. Allende, deposto no golpe de 11 de Setembro, tinha grandes armazenamentos de armas. As notícias das apreensões de armas fortalecem a teoria de que as forças que apoiavam Allende estavam-se preparando para um ataque revolucionário que levaria à guerra civil. Pode ser que os militares tivessem razão em suas denúncias.» (Christian Science Monitor 29/9/73)

Esse argumento da imprensa americana como

justificativa para o golpe chega a ser irónico porque na verdade a esquerda chilena estava tão mal preparada para defender-se de um possível golpe das forças armadas a serviço da direita, que quando esse golpe foi dado, o resultado foi o massacre que se viu e a repressão sem limites que até hoje sofre a população civil de todo o país, especialmente os trabalhadores. Apesar das tentativas de resistência por parte do povo, as forças armadas controlaram militarmente o país em apenas algumas semanas e só conseguem manter-se no poder através de uma brutal repressão, como era em Portugal no tempo do fascismo. Ao contrário do que aconteceu em Portugal, no Chile os oficiais das forças armadas fizeram uma opção fascista e se colocaram contra as reivindicações da classe trabalhadora.

No seu editorial de 12/9/73, dia seguinte ao golpe, o New York Times diz:

«O Dr. Allende poderia ter sobrevivido se houvesse sido capaz ou se quisesse consolidar seus consideráveis progressos no caminho socialista e se tivesse oferecido uma cooperação genuína ao Congresso e a seus opositores democratas cristãos, o maior partido do Chile. Em vez disso, as tácticas de sua coalisão fizeram com que os moderados democratas cristãos se unissem a sectores direitistas, ao Partido Nacional, em acções de oposição e obstrução. Com o aprofundamento da crise na semana passada, o Dr. Allende rejeitou uma oferta de compromisso da parte do ex-presidente Eduardo Frei, líder

da Democracia Cristã.

... Nenhum partido ou facção pode escapar a alguma responsabilidade no desastre, mas grande parte cabe ao desafortunado Dr. Allende.»

O golpe não foi apresentado como um plano que foi cuidadosamente preparado pelos partidos de direita junto com sectores militares com auxílio da direita internacional que queria liquidar o governo da U. P. e a via chilena ao socialismo. A imprensa americana dedicou por exemplo pouca atenção ao Tancazo, tentativa de golpe frustrada de 29/6/73. Depois que nesse dia a situação foi rapidamente controlada por grupos de militares leais do governo popular, o tema pareceu perder o interesse para os comentaristas americanos. Esse acontecimento pareceu não ser uma evidência suficiente de que os sectores reaccionários estavam há muito tempo conspirando e preparando um golpe e que na verdade não desistiram e esperaram outra oportunidade melhor que se deu em Setembro de 1973, quando já estavam melhor preparados e coordenados.

Enquanto isso, a imagem apresentada do outro grupo de personagens políticos — os da direita, que incluía os militares golpistas e a direita em geral — tinha os seguintes elementos básicos:

— os militares foram descritos como politicamente neutros por tradição e como defensores do sistema democrático e da Constituição.

— foram apresentados como obrigados a intervir por causa da situação de caos a que o governo

de Allende conduziu o país, e se assim o fizeram foi muito a contragosto, e porque não tinham outra alternativa.

Vejamos alguns exemplos de como a imagem dos militares foi apresentada na imprensa americana:

«É evidente que a discussão sobre a conveniência e sabedoria em unir-se a um governo dominado por marxistas que procura instaurar rapidamente um sistema socialista no Chile tem provocado sérias divisões no interior das forças armadas que por tradição são politicamente neutras.» (New York Times 31/8/73)

E no editorial do New York Times no dia seguinte ao golpe no Chile também aparece essa mesma imagem sobre os militares:

«É especialmente trágico para o Chile, onde uma máquina democrática firme funcionava há tantos anos e as forças armadas tinham uma tradição tão forte de não se meterem na vida política.» (New York Times 12/9/73)

E alguns dias mais tarde o New York Times escreve:

«As forças armadas tradicionalmente apolíticas intervieram não tanto por causa do socialismo do Dr. Allende mas por temer que um Chile tão polarizado fosse em direcção à guerra civil.» (New York Times 26/9/73)

E embora o New York Times tivesse qualificado o golpe como uma tragédia, não o considerou um golpe fascista:

«As forças armadas chilenas, sem dúvida incluem oficiais de mentalidade fascista, mas é incorrecto referir-se ao que aconteceu como um golpe fascista. Levando-se em consideração a sua longa história de não envolvimento em política, não há razão para duvidar que os líderes militares que depuseram Allende o fizeram com grande relutância e somente porque eles temiam sinceramente que um Chile polarizado estivesse a caminho da guerra civil.» (New York Times 20/9/73)

Vejamos também como o New York Times se esforçou por apresentar o General Pinochet como uma figura simpática, inclusive explicando ao leitor como se pronuncia o seu nome:

«O general Pinochet (pronuncia-se pee-no-CHETT) é bem conhecido pelos militares e considerado inteligente, ambicioso e profissionalmente competente...

... Um oficial que foi colega do general de 58 anos de idade quando este ensinou artilharia e geografia militar na década de 50, recorda-se dele como uma figura 'muito enérgica e disciplinada', com senso de humor e uma certa 'severidade'...» (New York Times 12/9/73)

Os editoriais da imprensa americana construiram a imagem que o país agora deve confiar a esses militares a difícil tarefa de volta à «normalidade». Dessa maneira os editoriais americanos justificaram a repressão criando para o leitor a imagem da sua inevitabilidade.

«Num país como o Chile que durante os três anos do Presidente Allende se tornou tão dividido será necessário uma enorme capacidade e tacto por parte dos chefes militares actuais para evitar um sério conflito civil em todo o país». (New York Times 12/9/73)

«Num país tão agudamente polarizado como o Chile que se tornou durante as tentativas do governo de Allende para impor um socialismo drástico com oposição da maioria da população, não se pode esperar uma rápida pacificação e reconciliação.» (New York Times 7/10/73)

Só em 26/10/73 é que o editorial do New York Times criticou abertamente a repressão, mas mesmo assim continuou a justificar a Junta pela difícil tarefa de pacificar o país.

«A Junta precisa de toda a ajuda que possa conseguir se pretende evitar a guerra civil, pacificar o país e criar condições para a recuperação política e económica. Não conseguirá essa ajuda se persistir no caminho estéril e familiar das ditaduras militares no país que já foi um dos poucos símbolos de democracia das Américas.»

Excepção feita apenas a alguns artigos publicados no Washington Post, a imprensa americana apenas criticou a repressão depois do golpe quando essa situação de total e massivo desrespeito aos direitos humanos já estava sendo noticiada no mundo inteiro.

— *Encobrimento da Participação americana no golpe*

A maneira como foi tratada, ou melhor não foi tratada na imprensa americana, a participação de agências do governo americano, como a CIA, e de empresas multinacionais, como a ITT, no golpe chileno é outro exemplo de manipulação da informação da imprensa americana sobre o Chile.

De toda uma sucessão dos mais variados mecanismos tentados pelo governo americano para intervir no processo chileno, o único que teve grande cobertura na imprensa americana foi o plano da ITT-CIA tentado durante o período das eleições presidenciais de Setembro de 1970, das quais Allende saiu vitorioso. Esse plano visava primeiro evitar que Allende ganhasse as eleições, canalizando dinheiro para a campanha eleitoral dos partidos da direita, e depois evitar que o Congresso chileno confirmasse a eleição de Allende, também canalizando fundos com a intenção de subornar os congressistas. Esse escândalo foi denunciado na imprensa americana apenas dois anos depois, em 1972, pelo articulista Jack Anderson.

Apesar desses antecedentes, na época do golpe, os jornais americanos não ousaram levantar o assunto da possível intervenção americana de forma directa. Pelo contrário, a atitude geral da imprensa era de dissociar o golpe de qualquer tipo de intervenção externa e considerá-lo como um problema

exclusivamente da política interna chilena. A imagem oferecida ao público era que Allende era o maior responsável por essa «tragédia».

Só muitos meses depois do golpe é que ficou claro para o público americano que o departamento de operações secretas da CIA pôs em prática um plano que consistia em «desestabilizar o governo de Allende». Isso chegou a ser admitido publicamente na televisão americana cerca de um ano depois do golpe pelo próprio presidente Ford. O plano de «desestabilização» do governo da U. P. incluía o boicote económico a nível internacional, congelamento de créditos e empréstimos, e embora ainda não admitido plo governo americano, incluiu também financiamentos às organizações da direita, que através dos grémios profissionais organizaram uma longa greve de donos de camiões e outros sectores do comércio paralizando em parte a distribuição de alimentos e artigos de primeira necessidade, o que causou sérios danos à economia e preparou terreno para o golpe.

Há duas interpretações possíveis para o comportamento americano ao omitir tantas informações necessárias à compreensão da participação americana no golpe chileno. Ou se trata de uma tentativa consciente de encobrir a intervenção americana na política interna chilena, ou se trata de uma demonstração de grande incompetência profissional, incapacidade de informar devidamente o público, revelando um alto nível de ingenuidade na análise po-

lítica.

A primeira hipótese parece mais provável porque é impossível imaginar-se que os articulistas e editorialistas americanos tenham pensado seriamente que os Estados Unidos nada ou muito pouco tivessem a ver com o golpe no Chile. Nesse caso, o comportamento de jornais representativos da grande imprensa americana revela concretamente um profundo envolvimento dos meios de comunicação de massa com os interesses económicos das empresas multinacionais com investimentos no Chile e na América Latina, e com a política intervencionista do governo americano executadas a nível prático por sua agência especializada em golpes, a CIA.

Vejamos como o assunto foi focalizado nos editoriais dos principais jornais:

«Inevitáveis acusações esquerdistas sobre o envolvimento dos Estados Unidos nas greves e acções semelhantes, não devem ser levadas a sério. O próprio Governo (chileno) imediatamente apresentou desculpas pelas bombas que foram colocadas do lado de fora das casas de três funcionários da embaixada americana.

Só os chilenos podem superar suas crises, o único papel de Washington deve ser deixar claro que consideraria uma guerra civil a destruição de uma das mais antigas democracias das Américas como uma tragédia colossal.» (New York Times 18/8/73)

O editorial do New York Times de 12/9/73, dia seguinte ao golpe, continua batendo na mesma tecla:

«Enquanto não há nenhuma evidência de que a administração de Nixon levou a sério as manobras contra o Dr. Allende sugeridas em 1970 pela CIA, ou pela ITT, é essencial que Washington não se intrometa na presente crise, que apenas os chilenos podem resolver. Não se deve dar razões para a suspeita de intervenção externa.»

O Washington Post parecia algumas vezes esperar para ver o que o New York Times diria em seu editorial, para então fazer o seu próprio editorial sobre a situação chilena de um ponto de vista mais liberal e crítico à política americana. Por exemplo, o Washington Post no seu editorial do dia seguinte ao golpe disse:

«A CIA e ITT discutiram — aparentemente sem colocar em prática — como impedir que Allende chegasse ao poder.

... Enquanto os Estados Unidos manteve laços estreitos com os militares chilenos a ajuda militar era fluente; no momento do golpe, quatro navios americanos se aproximavam do Chile para realizar manobras conjuntas com a marinha chilena. Ao negar o envolvimento da CIA no golpe de ontem, o Departamento de Estado não expressou pezar nem pelo golpe nem pela morte do Sr. Allende.»

E no editorial do Washington Post do dia seguinte (13/9/73), sugere ao Congresso a necessidade de uma investigação sobre a política americana em relação ao Chile para discutir «suas implicações na política futura».

Mas o New York Times mantém-se firme na sua linha de defesa do governo americano. Em seu editorial de 16/9/73 diz:

«Entretanto, nada de concreto por enquanto indica que o governo de Nixon considerou seriamente a bizarra proposta da CIA e da ITT; e não há absolutamente nenhuma evidência de qualquer tipo de cumplicidade americana no golpe. Em resumo, até onde se sabe, Washington tem apenas a responsabilidade mais periférica possível na queda do Dr. Allende. Outra interpretação é simplesmente obscurecer as razões básicas para a tragédia chilena.»

Omissão selectiva da informação

Como vimos, os principais temas e interpretações da situação no Chile apresentados por jornais representativos da grande impresa americana foram construídos principalmente através da omissão selectiva de informação. Indicaremos a seguir alguns exemplos de informações importantes para a compreensão do processo chileno antes e depois do golpe e que foram sistematicamente omitidas pela imprensa americana:

— artigos sobre a possível origem dos fundos que ajudaram a financiar as greves organizadas pela direita;

— reportagens sobre o envolvimento de empresas multinacionais na economia chilena e de agências do governo americano na política interna do Chile;

— informações sobre a motivação e efeitos do bloqueio económico organizado a nível internacional pelos Estados Unidos como parte do plano de «desestabilizar» o governo de Allende;

— informação sobre a manipulação de preços do cobre no mercado internacional, realizado pelas companhias americanas de cobre;

— informações sobre a classe trabalhadora chilena. Foi um personagem praticamente esquecido pela imprensa americana que evitou dar notícias que mostrassem o apoio que a classe trabalhadora dava ao governo da U. P., mesmo nos momentos de crise económica e política, como durante as greves organizadas pela direita;

— informações sobre as medidas tomadas pelo governo de Allende e que beneficiaram a maioria da população, aumentando os salários mais baixos, abrindo novas oportunidades para o povo no campo da educação, saúde, habitação e em termos de participação em decisões da vida nacional. Quase todos os acertos do governo da U. P. pareciam não interessar muito à imprensa americana;

— informações sobre organizações populares de base que surgiram durante o governo da U. P., como por exemplo as JAPs (Juntas de abastecimento e controle de preços) que passaram a fazer distribuição directa à população de alimentos a preços oficiais para combater o boicote à distribuição e à especulação no mercado negro.

Esses exemplos de omissões de informação mos-

tram como a imprensa americana informa grandemente condicionada por critérios político e ideológicos, apresentando no caso do Chile a imagem mais conveniente para os interesses da classe social americana que controla os meios de comunicação de massa.

Comparando a cobertura desses quatro importantes jornais, chega-se à conclusão que o Wall Street Journal e o New York Times foram os dois mais insistentes na apresentação dessa imagem distorcida do Chile. O Christian Science Monitor não ficou muito atrás, e o Washington Post foi o único no qual se pode encontrar um maior número de excepções a esses padrões de informação.

Nem todos os artigos apresentam a todo o tempo os mecanismos de distorção descritos. Sempre se poderá encontrar excepções individuais. Isso entretanto não invalida as observações aqui feitas sobre os mecanismos gerais usados para distorcer a informação. Pelo contrário, excepções individuais confirmam a regra. O que importa é a imagem geral que é transmitida ao público.

Os jornais americanos aqui analisados, fazem parte de todo um conjunto de meios de comunicação social de um país capitalista desenvolvido e rico. Os mecanismos de contrôlo do que aí se publica são bastante sofisticados e muitas vezes indirectos, garantidos pela própria organização social que cria os mecanismos necessários para que esses meios de comunicação social só transmitam o que é de inte-

resse à manutenção dessa sociedade. No caso da cobertura sobre o Chile, o facto de que é possível encontrar-se artigos que fogem aos padrões de manipulação descritos, indica justamente que os conceitos liberais que regem grande parte dos meios de comunicação de massa americanos, permitem uma certa variedade de opiniões desde que dentro dos limites estabelecidos pelo próprio sistema social e político. Essa relativa variedade de opiniões serve inclusive para ser exibida como liberdade de imprensa e objectividade jornalística. Mas logicamente que não pode ultrapassar os limites necessários à sobrevivência do sistema capitalista, e no caso da cobertura sobre o Chile, os interesses de dominação desse sistema em outros países.

Um dos grandes problemas com os estudos e pesquisas sobre os meios de comunicação social, seu conteúdo e efeitos, é que muitos deles se reduzem a complicadas análises quantitativas de tipo académico e tecnocrático, sem levar em consideração um elemento fundamental que é a relação entre meio de comunicação social e sistema político e conómico. Qualquer que seja o tipo de infra-estrutura de uma sociedade, isto é, de sistema económico, necessitará de um tipo compatível de sistema de valores e ideias, como super-estrutura. Numa sociedade com um sistema económico de tipo capitalista, a função principal dos meios de comunicação de massa é portanto ajudar a formar e a manter uma determinada ideologia que legitimize e perpetue esse mesmo sistema

económico com suas classes e estruturas sociais.

Nos Estados Unidos, os meios de comunicação social, como grandes empresas, como corporações, produzem um tipo de informação e de cultura que reflecte os interesses do estado capitalista do qual são uma parte, tal como outras grandes empresas e corporações. Ao criar uma imagem distorcida do Chile em seu processo de transição ao socialismo e depois do golpe fascista, essas empresas da comunicação de massa parecem ter agido também em função de interesses comuns, de uma solidariedade de classe com as outras grandes empresas multinacionais americanas, como por exemplo a Kenecott e Anaconda (empresas que dominavam as minas de cobre no Chile), ou como a conhecida ITT.

Os mecanismos de distorção da informação no caso do Chile não podem ser atribuídos apenas a preconceitos e posições políticas individuais de alguns correspondentes, redactores ou editores. Reflectem os interesses de toda uma classe social e económica, da burguesia americana, com seus investimentos na América Latina apoiados por uma política externa intervencionista e imperialista. O caso do Chile parecia ser tão importante e conflitivo para os interesses americanos no continente que a imprensa oferece ao público uma versão grosseira dos acontecimentos, violando os seus próprios princípios de imprensa liberal.

O objectivo da manipulação ideológica da imprensa americana sobre o Chile foi ganhar o apoio

ou o silêncio da opinião pública em relação à política externa dos Estados Unidos no Chile e no Terceiro Mundo em geral. Esse sistema de desinformação impede que o público americano tome consciência do que na realidade significa a política externa americana e que possa questionar e influenciar as decisões nacionais de forma activa. Essa manipulação da informação visa confundir o público e não o deixa ver que defender os seus interesses não significa defender os interesses das grandes empresas multinacionais americanas. Devido ao grande poder desses meios de comunicação de massa, esse objectivo parece ter sido bem sucedido. Apesar da existência nos Estados Unidos de meios de comunicação social progressistas e mais independentes do sistema económico, críticos da sociedade americana e que procuram oferecer uma informação alternativa, seu poder é muito pequeno, em comparação com os grandes jornais, revistas, cadeias de rádio e de televisão que pertencem às grandes empresas. Na verdade o grande público norte-americano que está apenas submetido aos meios de comunicação de massa controlados pelos grandes grupos económicos, só conheceu a imagem distorcida do Chile.

O comportamento da imprensa americana sobre o Chile permanece um tema de actualidade em Portugal que vive neste momento uma experiência de transição fascista. Da mesma forma que aconteceu no caso do Chile, também em relação a Portugal, os grandes monopólios da comunicação social tra-

tam de apresentar ao público internacional uma imagem distorcida, alarmista, impregnada de propaganda anti-comunista remanescente da Guerra Fria.

ÍNDICE

«Quando, em qualquer parte do mundo, lemos um jornal ou uma revista, escutamos um programa de rádio, ou vemos a televisão as informações que recebemos não são apenas uma lista de factos objectivos. Essas informações não são isentas de um conteúdo ideológico determinado, como se fosse possível uma imparcialidade absoluta. Ao contrário, as informações trazem em si mesmas, de uma maneira ou de outra, um conteúdo ideológico determinado, isto é, as ideias, tendências políticas e condicionamentos sociais e culturais das pessoas que preparam essas informações e das que controlam o meio de comunicação através do qual são produzidas. As informações que chegam até nós, público, vão portanto reflectir o sistema político, económico, social e o tipo de cultura que existe em cada lugar.»

Maria Teresa Moraes

14

TEMAS

NOSSO TEMPO